

## O FUNCIONAMENTO DO IMAGINÁRIO MISSIONEIRO NO DISCURSO DICIONARÍSTICO

LETICIA SCHUBERT FRIEDRICH<sup>1,2\*</sup>, CARLINE KUHN MAGALHÃES<sup>3</sup>,  
CAROLINE MALLMANN SCHNEIDERS<sup>2,4</sup>

### 1 Introdução

No presente subprojeto, buscamos desenvolver uma reflexão sobre o funcionamento do imaginário missioneiro no discurso dicionarístico. Nosso interesse visou compreender o modo como o verbete ‘missioneiro’ produz sentidos no contexto específico da região das Missões/RS. Para tanto, mobilizamos dicionários tanto regionalistas, quanto de língua portuguesa, buscando compreender as condições de produção do verbete e os sentidos que estão dicionarizados de acordo com esse espaço específico de produção de conhecimento.

### 2 Objetivos

Essa pesquisa teve como objetivo geral compreender como a designação ‘missioneiro’ produz sentidos no contexto específico da região das Missões/RS. Para tanto, foram definidos alguns objetivos específicos, como: retomar historicamente o processo de constituição do imaginário do missioneiro; explicitar as condições de produção do verbete missioneiro; refletir sobre os efeitos de história e da memória no verbete em análise; entender o modo como o discurso analisado é determinado ideologicamente; e compreender o modo como o discurso dicionarístico contribui para a produção de sentidos. Para que estes sejam alcançados, partimos da análise do verbete ‘missioneiro’ em dicionários regionalistas.

### 3 Metodologia

Essa pesquisa está vinculada aos pressupostos teóricos da Análise de Discurso

---

<sup>1</sup> Graduanda de Letras Português e Espanhol - Licenciatura, Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Cerro Largo. Contato: [leticiaschubertfriedrich@gmail.com](mailto:leticiaschubertfriedrich@gmail.com)

<sup>2</sup> Grupo de Pesquisa: Língua(gem), discurso e subjetividade (UFFS).

<sup>3</sup> Graduada de Letras Português e Espanhol - Licenciatura, Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Cerro Largo. Contato: [carline.magalhaes@estudante.uffs.edu.br](mailto:carline.magalhaes@estudante.uffs.edu.br)

<sup>4</sup> Doutora em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos, pela Universidade de Santa Maria (UFSM). Professora adjunta de Língua Portuguesa e Linguística do Curso de Licenciatura Português e Espanhol na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS – *Campus* Cerro Largo/RS). Contato: [caroline.schneiders@uffs.edu.br](mailto:caroline.schneiders@uffs.edu.br). **Orientadora.**

materialista articulada com a História das Ideias Linguísticas. Por meio desse dispositivo teórico e metodológico, refletimos acerca do modo como o imaginário sobre o sujeito missioneiro constitui-se e mobilizamos conceitos, como: discurso, memória, historicidade e ideologia. Os dicionários regionalistas tomados como objeto de análise são: *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*, de autoria dos irmãos Zeno e Rui Cardoso Nunes, de 1984 e, *Dicionário Gaúcho Brasileiro*, de autoria de Batista Bossle, de 2003. Assim, partimos da análise do verbete ‘missioneiro’ nesses dicionários regionalistas, mas observamos a pertinência de ampliar nosso olhar para outros dicionários, como: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, publicado em 2000. A partir desses dicionários, centramos nossa discussão em torno do verbete ‘missioneiro’, a fim de compreender os efeitos de sentido produzidos nesse espaço de produção de conhecimento. Nos valemos, também, do gesto de análise Palavra-puxa-palavra, definido por Verli Petri, (2018, p. 56) como “o estabelecimento das relações entre palavras no interior do mesmo dicionário, pelo efeito ‘palavra-puxa-palavra’”. Assim, partimos, enquanto *corpus* de análise, do verbete “missioneiro”, mas, para a sua compreensão, ‘puxamos’ outros verbetes que ampliaram nossa análise.

#### 4 Resultados e Discussão

Entendemos que não há sujeito sem discurso, nem discurso sem ideologia e, de acordo com Orlandi (2022, p. 14), “sujeito e sentido constituindo-se ao mesmo tempo têm sua corporalidade articulada no encontro da materialidade da língua com a materialidade da história”. Ainda, no viés discursivo, segundo a autora, a discursividade consiste na inscrição dos efeitos da língua na história. Deste modo, quando trabalhamos o texto, em sua opacidade vemos o político, o simbólico e o ideológico, a língua se inscreve na história, para assim, significar.

Pelo fato de esta pesquisa ter dicionários como objeto de análise, cabe aqui dizer que este instrumento linguístico serve como “um objeto histórico e de representação da relação do falante com sua língua, na necessidade de um imaginário de unidade da língua nacional” (Orlandi, 2002, p. 103). E, especialmente os regionalistas, que são constituídos de termos pertencentes à uma determinada região, que, ao serem abordados, recuperam uma memória coletiva, além de serem uma possibilidade de “observar o funcionamento de uma ferramenta própria à manutenção de uma cultura bem local, mas é, sobretudo, adentrar o espaço das questões historicamente construídas” (Petri, 2009, p. 26).

Passemos, então, ao verbete missioneiro nos dicionários mobilizados nessa reflexão:

**MISSIONEIRO**, s. e adj. Indígena das antigas missões jesuíticas.<sup>5</sup> | | Habitante da região Missioneira do Estado. | | Relativo às Missões. | | Missioneiro, aquele que realiza missões. (Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul).

**MISSIONEIRO**, adj. 1. Relativo às antigas missões jesuíticas. 2. Relativo à região em que se localizavam os Sete Povos das Missões (V. *Missões*.) S.m. 3. Indígena das antigas missões jesuíticas. 4. O natural ou habitante da região missioneira do Estado. 5. Missionário que realiza missões. (Do cast. plat. *misionero*.) (Dicionário Gaúcho Brasileiro)

**missioneiro** adj. s.m. (1899) relativo às antigas missões jesuíticas do Uruguai e do Rio Grande do Sul, ou o que é natural ou habitante das localidades onde elas estavam situadas © ETIM *missão* sob a f. rad. *mission-* + *-eiro*. (Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa)

A partir destes, observamos que o sujeito missioneiro leva no nome a relação com as Missões Jesuíticas, sendo apontado como o habitante e natural da região. Além disso, é notável que ele, o missioneiro, é também o indígena das Missões, apagando a especificidade da tribo deste indígena e colocando em primeiro plano o fator relativo à colonização. Esta definição também apaga que os indígenas já estavam ali antes dos religiosos chegarem, pois os coloca como missioneiros, ignorando sua existência anterior à redução.

No dicionário de língua portuguesa, não há este apagamento, o missioneiro é relativo às antigas Missões Jesuíticas, não necessariamente o indígena às quais pertence. Podemos entender esta ausência de distinção a partir de Petri (2012, p. 28)

A gramática é a da língua portuguesa, é ainda a da língua portuguesa do Brasil, mas é possível que as palavras não sejam sempre as mesmas, que os sentidos sejam outros, pois os sujeitos são outros, têm uma história e se relacionam de modo particular com a ideologia.

Entendemos isso, uma vez que, nos dicionários regionalistas, estão “formalizados os sentidos correntes mobilizados pelos falantes daquela região, remetendo-nos a uma outra época, ao ‘imaginário de passado glorioso’” (Petri, 2012, p. 30), por mais que nos cause um estranhamento e ainda que determinadas designações tenham efeitos de sentido pejorativos. Desse modo, a história do Rio Grande do Sul reverbera nos sentidos que os verbetes possuem,

<sup>5</sup> Destaques das regularidades realizados pela autora.

já que é no sentido que a historicidade aparece. De acordo com o que nos diz Nunes (2005, p. 1),

Aos analistas de discurso, a história passou a ser vista não como um pano de fundo, um exterior independente, mas como constitutiva da produção de sentidos. Trabalhar a historicidade implica em observar os processos de constituição dos sentidos e com isso desconstruir as ilusões de clareza e de certeza.

Por isso, é necessário observar os motivos para o uso distinto de determinados verbetes em situações ou regiões distintas, a história de cada região significa a seu modo, é necessário observar a historicidade para ter acesso aos processos de constituição dos sentidos.

Mobilizando outros verbetes, a partir do gesto analítico palavra-puxa-palavra, entendemos que, além do significado de missioneiro, na região, se fundir com o do indígena, também se funde com o do peão (de estância) e do gaúcho.

## 5 Conclusão

A análise do verbe *missioneiro* nos dicionários regionalistas e de língua portuguesa explicita que a produção de sentidos em torno dessa designação está profundamente marcada pela historicidade e pela ideologia que atravessam a região das Missões/RS. Nos dicionários regionalistas, observamos a sobreposição de significados que vinculam o missioneiro tanto à figura do indígena das antigas reduções quanto ao habitante atual da região, apagando especificidades étnicas e colocando em primeiro plano a relação com o processo colonizatório. Já no dicionário de língua portuguesa, o apagamento não se dá da mesma forma, pois a definição se concentra na relação histórica com as Missões Jesuíticas, sem necessariamente atrelar o termo ao indígena.

O gesto analítico *palavra-puxa-palavra* permitiu perceber que, no imaginário local, o *missioneiro* se articula a outros sujeitos, como *peão* e *gaúcho*, o que constrói um sujeito simbólico vinculado a valores históricos, culturais e identitários da região. Nesta fusão de efeitos de sentido, observamos como a memória discursiva afeta a constituição de um imaginário missioneiro que tanto comemora um “passado glorioso” quanto silencia sobre aspectos da presença indígena anterior à colonização.

## Referências Bibliográficas

NUNES, José H. LEITURA DE ARQUIVO: HISTORICIDADE E COMPREENSÃO. **Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD)**: UFRGS. Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/citations?view\\_op=view\\_citation&hl=pt-BR&user=FKKBXNMAAAAJ&citation\\_for\\_view=FKKBXNMAAAAJ:Tyk-4Ss8FVUC](https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=FKKBXNMAAAAJ&citation_for_view=FKKBXNMAAAAJ:Tyk-4Ss8FVUC). Acesso em: 28 de abr. e 2025.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. São Paulo: Pontes Editora, 2022.

ORLANDI, P. Eni. **Língua e conhecimento linguístico**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

PETRI, Verli. “História de palavras” na história das ideias linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa. **Revista Conexão Letras**, 13(19). 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/85032>. Acesso em 14 de nov. de 2024.

PETRI, Verli. Reflexões acerca do funcionamento das noções de língua e de sujeito no dicionário de regionalismos do rio grande do sul. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, nº 23/24, p. 25-35, jan/jun/jun/dez. 2009. Disponível em: [http://www.revistalinguas.com/edicao23\\_24/revista\\_linguas\\_23%20e%2024.pdf#page=25](http://www.revistalinguas.com/edicao23_24/revista_linguas_23%20e%2024.pdf#page=25). Acesso em: 26 de nov. de 2024.

PETRI, Verli. Gramatização das línguas e instrumentos linguísticos: a especificidade do dicionário regionalista. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, nº 29, jan/jun. 2012. Disponível em: Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao29/artigo2.pdf>. Acesso em: 28 de abr. de 2025.

**Palavras-chave:** Dicionário; Missioneiro; História; Memória.

**Nº de Registro no sistema Prisma:** PES-2024-0309

**Financiamento:** PIBIC-FAPERGS